

GAZETA MEDICA DA BAHIA

DIRECTOR EFFECTIVO
Prof. Dr. ARISTIDES NOVIS

REDACÇÃO

CLEMENTINO FRAGA, GARCEZ FRÓES, PINTO DE CARVALHO,
GONÇALO MONIZ, MARTAGÃO GESTEIRA, PRADO VALLADARES,
CESARIO DE ANDRADE, FERNANDO LUZ, J. ADEODATO.

Professores da Faculdade de Medicina

REDACTOR-SECRETARIO
Dr. ARMANDO SAMPAIO TAVARES
Assistente da Faculdade de Medicina

Volume 53

Numero 8 - Fevereiro 1923

BAHIA
ESTABELECIMENTO DOS DOIS MUNDOS
35, Rua Conselheiro Saraiva, 35

1923

SUMMARIO

OSCAR FREIRE.....	Pag. 343
PEDRO LUIZ CELESTINO	" 352
A CONSANGUINIDADE E O CODIGO CIVIL BRASI- LEIRO—pelo prof. Gonçalo Moniz.....	" 357
A PROFISSÃO MEDICA E A MEDICINA PROFISSIONAL NO BRASH.—pelo Dr. Clementino Fraga...	" 371
REVISTA DAS REVISTAS.....	" 379
PUBLICAÇÕES RECEBIDAS.....	" 384

ASSIGNATURAS

Pagamento adiantado

PARA A CAPITAL	FÓRA DA CAPITAL
Por um anno . . . 15\$000	Por um anno . . . 20\$000
Por seis mezes . . 8\$000	Por seis mezes . . 12\$000
Numero avulso 2\$000	

Os academicos de medicina pagarão apenas 10\$000 por
anno ou 5\$000 por semestre.

A redacção não se responsabiliza pelos artigos assignados.

Unico agente para a França—*Société Fermière des Annuaire*—
53 Rue Lafayette—PARIS.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Chile n. 26-(1.º andar)

(Teleph. 738)

BAHIA

NOTAS BIOGRAPHICAS

O Dr. Oscar Freire de Carvalho nasceu na Bahia (Capital), em 3 de Outubro de 1882, contando, portanto, quarenta annos de idade. Era filho do Dr. Manoel Freire de Carvalho, advogado e politico. Aqui mesmo fez os seus preparatorios, matriculando-se em medicina e fazendo todo o curso medico, dos mais distinctos, na Faculdade de Medicina da Bahia, onde se doutorou em 31 de Dezembro de 1902, tendo sustentado these sobre assumpto de Medicina Social, em que manifestava já os pendores de espirito que o haviam de levar á carreira seguida neste campo de actividade intellectual e scientifica. Antes de diplomar-se, exerceu o cargo de interno da 2.^a Cadeira de Clinica Cirurgica (1900-1901).

Ainda academico e depois de formado dedicou-se ao ensino livre de Historia Natural, preparando numerosos alumnos á admissáo nas escolas superiores, no pequeno laboratorio particular que fundou para isso, e em varios dos nossos collegios de humanidades.

Por nomeação do Governo Federal exerceu, por alguns annos, seguidamente, as funcções de delegado fiscal do dito governo junto ao Gymnasio da Bahia e á Faculdade Livre de Direito, estabelecimentos equiparados aos congeneres officiaes da Republica.

Em 1907 submetteu-se a porfiado concurso, que realizou brilhantemente, para a vaga de professor substituto da então 4.^a Secção (hygiene, medicina legal e toxicologia), da Faculdade de Medicina, cargo em que foi provido por decreto de 27 de Junho, tomando posse solemne em 11 de Julho do dito anno.

Desde então o seu labor docente não cessou, cada vez mais notoria a sua multipla actividade no seio do glorioso instituto de ensino superior.

A morte do saudoso Prof. Nina Rodrigues, «o espirito original da Medicina Legal Brasileira», fel-o herdeiro e depositario do legado scientifico do sabio mestre e continuador e realizador da sua obra iniciada ou apenas concebida, dando-lhe o mais amplo desenvolvimento.

Vem dahi a installação do Instituto Nina Rodrigues, laboratorio de Medicina Legal da Faculdade e, logo a seguir, a primeira reforma remodeladora do Serviço Medico-Legal do Estado, por um accordo celebrado entre o Governo Bahiano e a Faculdade, pelo qual aquella repartição estadual passou a funcionar no referido Instituto, tendo como director nato o regente da cadeira de Medicina Legal e fazendo-se conjunctamente, resalvados os interesses da justiça, a pratica forense e a pratica lectiva ou didactica.

Essa é a grande obra do illustre conferraneo, que sob sua direcção creou um nucleo fecundo de labor scientifico e de aprendizagem demonstrativa e technica, impossivel de realizar-se sem a preciosa associação realizada.

Do Instituto muitos trabalhos sahiram debaixo de sua direcção e sob a influencia das suas lições e conselhos, ao mesmo tempo em que elle realizava investigações, algumas das quaes já publicadas, outras ineditas ou em proseguimento de pesquisas de laboratorio.

É de sua autoria o regulamento do Serviço Medico-Legal do Estado, inclusive algumas modificações que foram feitas no primeiro que elaborou. Collaborou tambem com o Dr. Eduardo Espinola, dentro da seara de sua especialidade, no Codigo do Processo do Estado.

Summariamente se referem assim os cargos e funções que desempenhou, além das que ficaram já assignaladas: — com a «lei organica» do ensino, por decreto de 29 de Abril de 1911 passou a ser considerado professor extraordinario exclusivo de Medicina Legal e Toxicologia, sem perda dos seus direitos á substituição de lente da cadeira de hygiene e bromatologia; regeu interinamente todas as cadeiras e cursos ligados á secção para que fez concurso: antes mesmo de ser cathedratico, foi escolhido representante da congregação da Faculdade de Medicina no Conselho Superior do Ensino da Republica, cargo electivo em que foi mais de uma vez

reconduzido, exercendo-o durante os annos de 1913, 1914 e 1915; por decreto de 1.º de Julho de 1914 foi nomeado professor ordinario (cathedratico, de medicina legal; em 26 de Setembro de 1913 foi nomeado professor interino de Historia Natural na Escola Polytechnica e em 7 de Março do anno seguinte substituto effectivo da 2.ª Secção, comprehendendo as cadeiras de Historia Natural, Mineralogia e Chimica, sendo promovido depois cathedratico desta ultima.

Fundada a Faculdade de Medicina e Cirurgica de São Paulo, para algumas de cujas cadeiras foram contractados sabios especialistas no estrangeiro, quando chegou a vez de dar professores ás cadeiras do sexto anno medico, foi o Dr. Oscar Freire apontado pela dita Faculdade e convidado pelo Governo Paulista para fundar alli o ensino da Medicina Legal, em condições honrosas e mediante contracto por dois annos, que ao cabo foi prorogado por mais tres. O primeiro instituto laboratorio cuja construcção modelar foi resolvida naquella Faculdade foi o Medico-Legal, segundo o plano do Prof. Oscar Freire, que do mesmo passo elaborou o projecto da associação com o serviço Medico-Legal da Policia, tal como realizou aqui.

O seu labor em São Paulo e a obra que lá realizou na cathedra e fóra della, não se podem resumir nestas curtas notas biographicas. Diz melhor do que seria compativel com a brevidade destas linhas o alto conceito em que o meio intellectual de São Paulo tinha o illustre bahiano, dando reiteradas demonstrações do seu apreço, qual a qual mais eloquente.

Finda quasi a sua tarefa na Paulicea, já o nosso pranteado conterraneo annunciava a sua volta á Bahia, quando a morte prematura o victimou.

O illustre bahiano era um nome conhecido e respeitado no Paiz, membro de todas as principaes sociedades de São Paulo e da Capital da Republica, inclusive da Academia Nacional de Medicina.

HOMENAGENS

O Director da Faculdade de Medicina, ao ter conhecimento da morte do Prof. Oscar Freire, mandou hastejar em funeral o pavilhão nacional, e nomeou para representante da Faculdade nos funeraes, o Prof. Celestino Bourroul.

Reunida a Congregação daquelle Instituto, resolveu télegraphar ao Dr. Adolpho Lindenberg, Director da Faculdade de Medicina de S. Paulo, para providenciar no sentido de ser removido para aqui o corpo do Prof. Oscar Freire.

A Escola Polytechnica suspendeu seu expediente e a Congregação da mesma resolveu tomar lucto por 8 dias.

O Serviço Medico-Legal, alem de constituir seu representante em S. Paulo o Dr. O. Portugal, encerrou o expediente e deliberou tomar lucto por 15 dias.

O Prof. Oscar Freire era casado com a Exma. Snra. D. Marietta Filgueiras Freire de Carvalho, deixando dois filhos senhorinha Zencide e Stelio.

(Do *Diario Official* da Bahia).

3 Outubro 1882 — 11 Janeiro 1923



Prof. Oscar Freire de Carvalho

SACDADES DA «GAZETA MEDICA DA BAHIA»

GAZETA MEDICA DA BAHIA

FUNDADA EM 1866

Vol. LIII

Fevereiro 1923

N. 8

OSCAR FREIRE

Finou-se Oscar Freire.

E a Bahia intellectual, a Bahia pensante, para logo se apercebeu da extensão do desastre, ante a queda do filho eminente, legitimamente investido na mesma quadra em que morria, da representação da sua grandeza de sempre, nas pugnas do talento e da cultura.

Chamara-o a si S. Paulo, no louvavel afan com o qual perscruta e selecciona, para os seus variados misteres, as mais decididas aptidões, em qualquer ramo da actividade humana. Cumpria ao glorioso Estado do Sul installar um serviço medico-legal á altura da perfeição que lhe é habito inculhir ás iniciativas, e tudo fez por que o creador do Instituto Nina Rodrigues, para ali tomasse rumo, seduzindo-o com vantagens que, certo, não n'o afastariam de nós, não fôra o seu amor pelo renome da Bahia e a sua verdadeira devoção pelos progressos do Paiz.

O que de eficiente realizou Oscar Freire, em tão curta permanencia, na sua nova tenda de trabalhos, dil-o o abalo ali despertado pelo seu trespassse; São Paulo dividiu com a Bahia as duras emoções da catastrophe. Ambos sentiram-n'as nas crueis proporções de arvore nova, fecundissima e boa, a que a inconsciencia de alguém houvesse decepado, em plena estação de suas flores e de seus fructos. Sim; mas a sua maior convivencia connosco, creou raizes mais fundas nos corações. O tempo encontrará aqui outras difficuldades para

consumir uma lembrança que lhe desafia a acção destruidora.

A *Gazeta Medica*, a que emprestou Oscar tantas vezes, como redactor, o brilho de sua collaboração, jamais o riscará de suas mais gratas recordações.

Tão pouco a Faculdade de Medicina, testemunha das mais eloquentes revelações do seu talento de escól, aliado á mais singular capacidade de trabalho que por ella haja transitado. A qualquer de seus pares da Congregação, não será mais extranha a impressão de desconforto e vacuidade, depois do que todos acabam de sentir.

Oscar era a vida nas Congregações. Typo genuinamente cerebral, punha nos movimentos a prova de sua actividade privilegiada. Movia-se-lhe o corpo em gestos abundantes, do modo por que se lhe moviam as idéas, em transbordantes iniciativas. Orador elegante e fluente, discutia com raro vigor e intelligencia as questões primaciaes da sua amada Faculdade, tornando-se por isto o consultor a que todos recorriam, collegas e discipulos, para a solução de qualquer apertura em materia regimental. E o prestigio de sua palavra era um premio áquella dedicação que, para ser grande, só o será como a delle foi. Grande e proficua.

A *Gazeta Medica da Bahia* apresenta á Exma. Familia de Oscar Freire pezames muito sinceros pela perda que acaba de lamentar.

Na impossibilidade de transcrever todos os discursos pronunciados acerca do eminente morto, passa a fazel-o apenas daquelle em que a Faculdade de Medicina de S. Paulo, pela voz eloquente de Celestino Bourroul, entregou o corpo do pranteado extinto á nossa Escola Medica.

Na sessão funebre então realizada, falaram ainda: o Dr. Antonio de Almeida Junior, pelos ex-discipulos de Oscar Freire e pelo corpo discente da Faculdade de S. Paulo; o Prof. Martagão Gesteira, pela Congregação da Bahia; o

Dr. Armando de Campos Pereira, pelo Instituto Nina Rodrigues; e por ultimo o Prof. L. Pinto de Carvalho, em nome dos amigos do emerito professor fallecido.

Ao baixar á sepultura, no Campo Santo, foi feita a encomendação do corpo, orando mais os senhores: engenheiro Licinio de Almeida, pelo Instituto Polytechnico e pela Escola Polytechnica; o Dr. Ruy Penalva, em nome do Instituto Geographico e Historico, e os academicos Manoel Bittencourt e Braulio Suffredini, respectivamente, pelos seus collegas de Direito e Medicina.

A ORAÇÃO DO PROFESSOR CELESTINO BOURROUL

Illustrada Congregação.

Minhas Senhoras.

Meus Senhores.

Volvo, após dilatada ausencia, a esta cidade hospitaleira do Salvador, em triste romaria, acompanhando o corpo inanimado do iuditoso amigo e grande professor — Oscar Freire de Carvalho —, para, em nome de S. Paulo, o entregarmos, entre a gratidão e a saudade, á sua nobre terra natal.

Quizeram os amigos paulistas, confiar-me este acompanhamento doloroso, em nimia delicadeza, e talvez porque tivessem divisado a velha amizade que me prendia ao grande Morto, desde os tempos academicos, nos dias descuidados e alegres de nossa juventude, quando tive a felicidade de aqui me formar para a vida pratica, sob a direcção de mestres queridos, muitos dos quaes ainda vejo, com prazer, neste augusto recinto, e ao lado de vós, meus caros collegas e amigos, nesta velha e gloriosa escola — a alma mater da medicina brasileira — que agora perde um de seus filhos mais gloriosos e necessarios.

O motivo, ainda, de se me darem taes credenciaes esteia em não nos termos separado, eu e elle, nos dias tristissimos da desgraça.

Mas, a razão, para mim mais forte e doce é a do coração:

filho desta casa, daqui parti, mas aqui sempre estive pelo affecto, e hoje de novo aqui me acho para comvosco dar ao companheiro que tombou a derradeira prova de amizade e de justiça.

A mocidade de S. Paulo se fez aqui representada por um dos discipulos dilectos do mestre — Dr. Almeida Junior que, não se arreceiando de todas as fadigas e tristezas da viagem, quiz ser o interprete dignissimo, vol-o digo, dos sentimentos generosos dos ex-alumnos e estudantes da Faculdade de Medicina de S. Paulo.

Quando, ha cinco annos, Oscar Freire partia para fundar, na novel Escola Paulista, a cadeira de Medicina Legal, mal pensaveis vós e mal cuidavamos nós, que a morte tão cedo nol-o arrebatasse.

Vimol-o chegar a S. Paulo e inaugurar brilhantemente o curso de Medicina Legal cujas bases assentava em fundo rigorismo scientifico.

O seu talento, em meio extranho, mais fulgiu, como que, antes premido, perdoac-me o reparo, mais se dilatou, para assim mais alto alevantar a Escola que o mandava, como embaixador brilhante de sua cultura e saber.

Assistimos, então, ao cyclo aureo de sua vida em S. Paulo, passagem rapida porèm brilhantissima, a modo de um astro, que, repontando inflammado no oriente, atravessasse o céu, luminoso e bello, ora deslumbrante na viva e estonteante luz de suas candencias, ora doce nós meios tons das cambiantes para desapparecer majestoso e sereno na purpurea claridade de um occaso incendiado de suavidade.

A sua operosidade se desdobrava e multiplicava: professor completo, dedicando todo o seu tempo á sua disciplina e á sciencia, Oscar Freire deu-nos o exemplo do que pode o mestre que consagra todas as actividades ao ensino sem preocupações outras dispersivas e de ganho.

Na reforma do ensino medico brasileiro, os professores das cadeiras de laboratorio ou de experimentação deverão dar, mediante remunerações proporcionaes e adequadas, o

seu tempo exclusivamente ao ensino e á sciencia, pois só assim se farão mestres, especialistas e sabios, só assim se instituirá a nobilissima carreira de professores.

A instituição do full-time, isto é, do tempo exclusivo em taes cadeiras é de necessidade momentosa e vital.

Luctando com muitas difficuldades, conseguiu enfim, mediante o valioso concurso de Arnaldo Vieira de Carvalho, saudoso fundador e director da Faculdade de Medicina de S. Paulo, de quem era particular amigo e a cuja memoria rendeu um preito de amizade em os ultimos momentos de vida, — instalar o Instituto de Medicina Legal no primeiro pavilhão construido para a nova Faculdade.

A sua preocupação unica e ultima foi o acabamento desse instituto modelar, porque não queria voltar á Bahia sem ter deixado á Escola paulopolitana mais esse padrão de seu esforço e boa vontade, pois ainda se sentiria diminuido na missão que abnegadamente tomara a hombros se tal não fizesse.

A morte, desgraçadamente, roubou-lhe essa satisfação suprema, mas a Faculdade paulista não se esquecerá de seu primeiro cathedratico de Medicina publica, dando ao Instituto de Medicina Legal o nome de Oscar Freire; e assim na Bahia a obra de Nina Rodrigues glorificada e perpetuada no Instituto que lhe herdou o nome terá a mesma continuação em S. Paulo no Instituto que será o depositario das tradições, exemplos, nome e glória do discipulo e successor daquelle sabio e saudoso mestre, cuja memoria evoco aqui em grato affecto.

A actividade de Oscar Freire não se conteve no ambito de sua especialidade — era tão transbordante que se estendeu a todos os problemas sociaes: fundou a Sociedade de Medicina Legal e a Sociedade de Educação.

Foi em S. Paulo o fundador da Medicina forense, a que

deu boa parte de seu tempo, de seu saber, do modo o mais desinteressado e abnegado.

Os seus pareceres medico-legaes eram completos e profundos, onde o rigor scientifico se vasava em desconcertante copia de conhecimentos.

Professor, foi dos mais perfeitos que temos conhecido: amava o ensino apaixonadamente, pondo a seu serviço uma palavra fluente, precisa e clara, já elegante na desenvoltura de donaires e galas familiares, em que transparecia o atticismo de amores litterarios não esquecidos, já profundo na erudição em que se afundava por trazer á tona o facto rebuscado, já se emmaranhando nas subtilezas da argumentação e do raciocinio para euleiar, prender o adversario pelos laços da logica ou guial-o pelo fio de Ariane á verdade, já descuidada, aflorando subtil pessoas e cousas no abandono delicioso do discretear amigo e fino.

As suas aulas tinham o encanto das cousas bellas e novas, povoando o deserto arido de certos assumptos de oasis magnificos de eloquencia, preparo e boa vontade, onde a intelligencia dos alumnos pudesse repousar, desalterar-se e criar alento para novas jornadas.

Sempre bondoso, dava a melhor das acolhidas a todos que o procuravam, aconselhando, guiando e emprestando o brilho magico de suas suggestões e trabalhos.

Fez-se todo para todos, na ansia generosa do bem que se dá e que não pede nada em troca.

Era um modesto.

Quem, de primeira feita o visse talvez não se apercebesse logo da sua modestia, encoberta pelo fulgor natural de sua intelligencia insoffrida; mas, uma observação mais demorada e um convivio mais intimo bem depressa descobriam o thesouro de sua simplicidade, delicadeza e sensibilidade.

Deve-lhe a Faculdade de Medicina de S. Paulo uma exposição de motivos que muito contribuiu para a sua officialisação.

O luctador incansavel foi afinal vencido pela morte; mas não baqueou antes mais se elevou pelo soffrimento, pela coragem e resignação com que soube morrer.

«O que podé saber quem não soffreu?» exclama o autor piedoso daquelle extraordinario livro *A Imitação a Christo*, e o nosso desventurado amigo soube soffrer, sem que uma palavra de revolta ou resentimento viesse conturbar a serenidade grandiosa de seu fim.

Dizia BOSSUET, suavizando os arroubos da eloquencia mais alcandorada, no elogio funebre da nobre duqueza de Orleans, «elle fut douce envers la mort».

Oscar Freire acceitou a morte com doçura e serenidade.

O mal traiçoeiro e implacavel ia minando o seu organismo já enfraquecido por tantos trabalhos e soffrimentos mas não logrou tocar siquer aquelle cerebro privilegiado que guardou até o fim a lucidez perfeita do justo e do forte.

Em um dado momento, foi a enganadora esperança o bem estar fatidico da morte proxima.

Aquelle espirito forte e sceptico tinha a delicadeza do respeito para as crenças de outrem, de sua idolatrada esposa e de sua velha e adorada mãe.

Não sei se por influencia mystica e divina das orações destes entes queridos; não sei se sentindo os anseios e a voz de Deus naquelles momentos supremos onde tudo é nada, *vanitas vanitatum*, como diziam o philosopho moderno e o propheta biblico; não sei se tocado pela graça divina e pela fé docemente empolgante de sua esposa — o facto é que quiz morrer na religião de seus paes.

Depois foi o conhecimento exacto de seu estado e a certeza de sua morte proxima.

Despediu-se dos seus, entre lagrimas e conselhos de união e de amor, onde se entreviam todos os affectos do pae e do esposo amantissimo, legado sagrado de seu coração.

«Morro na miseria».

Esse homem absorvente e dominador, era pobre e morreu pobre, em uma terra como S. Paulo, que offerece aos olhos

cubiçosos dos forasteiros e «arrivistas» como o eldorado moderno—fim magnifico de uma vida cuja unica ambição foi a gloria e o bem, desmentido cabal a qualquer suspeição de interesses materiaes.

Pediou que o seu corpo repousasse em sua terra natal; e é por isso que todos nós aqui estamos a cumprir esse piedoso dever e a satisfazer esse desejo filial.

Entranhado amor á terra onde nasceu e que hoje, amovavel e boa, recebe os despojos sagrados do filho extreme-cido que tanto a honrou e dignificou.

Lamentava, em sua modestia, não ter podido elevar mais alto o nome da Bahia.

Nas agruras da dor e nas ansias da morte, o carinho, a dedicação, a amizade dos amigos que nunca o abandonaram e que lhe rodearam o leito, foram um grande balsamo e conforto ao seu coração agoniado.

É a amizade um dos sentimentos mais nobres e doces e talvez o sentimento menos egoista e mais generoso da vida.

Se Oscar Freire, teve inimigos gratuitos, (quem não os tem?), não guardou de nenhum delles o menor rancor, e teve tambem amigos dedicados que lhe confortaram e suavisaram as horas da morte.

Quiz despedir-se de todos os amigos um por um: assistimos então a uma das scenas mais commovedoras e tristes da vida—a cada amigo teve uma palavra de carinho e de reconhecimento: e quem tão resignado se ia da vida ainda quiz deixar a ultima prova de affecto na manifestação da despedida saudosa. . .

E assim partiu para o alem o Amigo, na conformidade serena do justo—aconselhando, reconciliando-se, perdoadando, dando até o fim o que ainda possuia o seu grande coração.

A morte de Oscar Freire teve a grandeza, a majestade da morte do philosopho grego suavizada docemente pelo sentimento christão.

Com elle perde a Medicina brasileira a maior autoridade

em assumptos medicos-legaes; o Brasil, um esforçado patriota e nacionalista; a Bahia, um grande filho.

Mas, nem tudo se vae com a morte; fica-nos o seu exemplo, o seu nome, o culto á sua memoria bemdita.

A grande cidade de S. Paulo, mesmo em febril actividade, estremeceu de dor, ante a morte de Oscar Freire, tão bemquisto e querido lhe era elle; o governo do Estado prestou honras funebres officiaes, como costuma fazer a servidores dedicados e leaes.

A Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo mandou-me, como delegado, para dizer á Faculdade irmã da Bahia e ao povo bahiano toda a sua gratidão pelos serviços inestimaveis, pela gloria a ella emprestada por Oscar Freire de Carvalho.

A Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo tambem me deu a incumbencia de confessar aqui o seu reconhecimento por tudo que deve ao seu mallogrado associado.

O Museu Nacional do Rio de Janeiro, por intermedio de seu illustrado director Arthur Neiva, tambem me fez portador de seu pezar.

Recebei, pois, com as homenagens sinceras e sentidas do povo paulista que convosco está, ante esta perda irreparavel, na mesma communhão de sentimentos, a grande dor dos seus amigos.

«Nascemos para morrer, mas morremos para viver». Oscar Freire viverá em sua obra imperecivel nos exemplos que deixou, por tudo que fez em prol do ensino medico brasileiro, pelo seu saber, pelas suas virtudes, na gratidão de sua terra, na lembrança e saudade de seus amigos, e nas glorias com que cobriu duas escolas irmãs, a nova Faculdade de Medicina de S. Paulo e a velha e gloriosa Faculdade de Medicina da Bahia.

Prof. Pedro Luiz Celestino

Mais uma figura de realce desaparece do meio medico bahiano com a morte do Prof. Pedro Luiz Celestino.

A 6 de Janeiro ultimo, inesperadamente, fallecia o mestre querido de tantas gerações, aposentado já de sua cathedra na Faculdade de Medicina, mas ainda ao serviço de sua incansavel actividade no Senado Bahiano e na direcção da Escola Normal.

Tanto na clinica como no magisterio o Prof. Celestino deixa um nome que ha de prolongar-se na recordação de todos aquelles que sentiram de perto a sua proficiencia como medico e professor.

Dotado de espirito clarividente, tratado, ademais, por selecta e variada cultura, dava ás suas palestras o saudoso mestre o interesse e a attracção que as faziam sempre agradaveis no ensino ou fóra d'elle.

De sua vida scientifica disse o Prof. Aristides Novis, na oração de despedida que, em nome da Congregação da Faculdade de Medicina, pronunciou no acto da inhumação do preclaro extincto, e que abaixo transcrevemos.

Tambem oraram na mesma occasião o illustre Prof. Alfredo de Magalhães, pela Escola Normal e o alumno Antonio de Meirelles, pelo Gremio Nacionalista da mesma Escola.

O Prof. Pedro Luiz Celestino deixa viuva, a Exma. Senhora D. Thereza Joaquina Celestino, a quem esta Gazeta apresenta as homenagens muito respeitosas e sentidas do seu pezar.

Disse o Prof. Novis:

«A Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia faz-me o interprete de um dever imperioso, qual o de vir dizer á beira deste tumulo, a fechar-se sobre Pedro Luiz Celestino, do reconhecimento e da saudade que lhe ficam do excelso companheiro, senhor de uma das mais delicadas

compleições moraes e de não menos perfeita organização didactica que por aquelle Instituto tem transitado como penhor do seu renome e da sua gloria.

Por mais de trinta annos foram os seus serviços prestados ao ensino superior, a principio como preparador de Chimica Mineral, mais tarde, na regencia de varias cadeiras, Historia Natural, Chimica, Therapeutica e Physiologia, imprimindo ás suas aulas, de par com a fluencia do estylo e abundancia das noções scientificas, matizes litterarios, que a singeleza da fórma não menos attrahentes tornavam-nas aos seus discipulos.

Foi nomeado lente substituto da primeira secção após exhibição de provas que fazem ainda memoravel o seu concurso, para uma secção que lhe dilatava as responsabilidades docentes entre a Chimica Analytica e Toxicologica, a Historia Natural Medica e a Pharmacologia, sem que, por isso, uma só destas materias se resentisse no brilho das representações. Com tamanho credito, a cathedra ambitionada fugia-lhe ás mãos, fazendo-lhe, por fim, justiça a sorte, em 1911 quando, pela reforma Rivadavia, transferiu-se para a cadeira de Chimica Medica, sem perda dos seus direitos de successão á de Physiologia e foi nesta empossado a 25 de Junho do anno seguinte.

Formosa consciencia profissional aquella que, dispondo de tanto saber, se abalançava para o Velho Mundo, em viagem de estudos em epoca já avançada da vida. E' que o inventario dos seus conhecimentos lhe offerecia certa solução de continuidade ao ensino integral da nova disciplina. Bastante familiar, embora, á observação, era-lhe indispensavel o trato com a vida na intimidade das experiencias, nos laboratorios de Physiologia, onde a interrogação dos mysterios da vida não mais se contenta com o ser formulado no espaço, mas sob a censura dos apparatus, ao contacto dos órgãos, dos tecidos, da cellula, vae surprehender o flagrante das attitudes reaccionaes do organismo, ao artificio excitador, o que quer dizer, surprehender a

prophylaxia das reacções morbidas, senão a sua mesma neutralização pela therapeutica especifica.

Regressando da Europa, deu importante relevo á sua cathedra, até 16 de Novembro de 1916, quando della se aposentou, após haver estimulado entre nós o gosto pelas viviseccões, nas praticas sobre o systema nervoso que, manda a justiça historica, attestarão a sua benefica passagem pelo Laboratorio de Physiologia.

O organismo combatido pela doença, reduzia-lhe, dest'arte, as publicas funcções, não de vez annulladas, pelo habito do trabalho trazido da mocidade, habito que lhe esterilizara a possibilidade do repouso, e delle conservara, ultimamente, nas entrepausas dos achaques, o acatado professor e director eminente da nossa Escola Normal, além do clinico dedicado.

Tamanha actividade productiva, afinada no mais alto grau de vibração patriotica, ser-lhe-ia doloroso, tanta sonoridade, tanta harmonia, de subito, abafadas ao profano toque das mãos da inercia. Fôra mistér fraquear a voz, sim, mas cantar sempre. Venceu, assim, a propria fadiga e cantou. O silencio, a compulsoria, davam-lhe como que a mesma perspectiva da morte, que Renan apurou no animo virtuoso de Guyard...

Tinha razão o mestre amado :—é tão penoso morrer que melhor será o só morrer uma vez... Como recompensa viverá uma outra vida, naquelle incomparavel conforto que vinha já desfructando, de quem, vingando um ideal patriotico, pode mais tarde fazer-se sua viva tradição... »

Orou o prof. Magalhães :

«Mais uma surpresa da morte... esta verdade mais certa de todas na vida dos seres, sobre a qual, entretanto, medita o homem tão pouco !

Ella surge, não raro inesperadamente ; não treme a sua mão ao desfechar o golpe, deante do valor da sua victima, nem da falta que ella possa trazer á familia e á sociedade !

Faz pouco mais de 48 horas, dizia-me Pedro Celestino: «não sei que dolorosa surpresa me estará ainda reservada nestes dias de festas: «Natal» e «Anno Bom» deram-me o desgosto de perder pessoas amigas; hoje, vespera de «Reis», mais um enterramento. Não sei o que ainda me faltará...»

Visão antecipada, suspeita, ou receio deste desenlace no dia seguinte?

— Insondavel mysterio... O homem deveria reflectir mais vezes sobre a morte para viver melhor e mais sensatamente do que não raro presenciamos.

... Hoje vive, desmanda-se poderoso e amanhã desaparece a vida: «como sombra passa» em um instante.

Aparta-se o homem da vista dos homens e a sua presença tomba no esquecimento. Sómente as acções serão lembradas na terra e servirão de maldição ou de benção; somente as acções valerão depois da morte para a condemnação ou a bemaventurança.

Pobre da humanidade que prefere o vicio á virtude, o crime á bondade!

Esquece o homem que virá naturalmente a morte? que a sua lembrança viverá somente pelas suas acções?

Judas não significa hoje mais do que perfidia e traição; Nero lembra apenas orgias e vicios. Entretanto, Pasteur e Lister recordam grandes benefícios prestados á humanidade.

Felizes, conseguintemente, são aquelles que chegam á morte deixando no mundo um nome limpo de manchas, e um exemplo de boas acções á lembrança dos vindouros.

Assim foi — Celestino —, eu o affirmo bem alto, sem receio de faltar á «verdade» esta senhora que tão grande dominio tem sobre mim e tão grandes sacrificios tem custado.

Ao receber a incumbencia de trazer aqui o sentir da «Escola Normal» com a sua perda, não me achei constrangido para dizer os seus merecimentos como homem, como professor, como clinico.

Não direi como político, porque sei que passou pela política para acceder á amizade, que sempre soube cultivar e servir com a lealdade propria do seu caracter.

Como homem, Celestino «foi um bom» no sentido amplo da expressão. Melhor do que eu poderiam dizer todos, e foram muitos quantos lhe experimentaram a bondade.

Venceu na vida pelo trabalho, impoz-se pelo seu merecimento proprio. Por isto mesmo elle não soube ser invejoso nem intrigante; sempre lhano, verdadeiro, sincero, tolerante, respeitador de sentir e do pensar alheios, elle foi sempre um bom mestre, um bom companheiro, um bom cidadão.

A «Escola Normal» da Bahia perdeu em Celestino uma joia de inestimavel valor. A Sociedade vê augmentar o seu «passivo».

Sómente lhes ficará o conforto de poder guardar a lembrança das suas acções, como exemplo de honra e de virtude, de trabalho e de saber, de lealdade e de caracter.

A CONSANGUINIDADE E O CODIGO CIVIL BRASILEIRO

PELO

Dr. Gonçalo Moniz

professor cathedratice na Faculdade de Medicina da Bahia

Mui conhecido é o caso, narrado por AUGUSTE VOISIN (30), relativo á communa de Batz, cujos habitantes desde muitos seculos se consorciavam em consanguinidade e «viviam isolados dos paizes circumvizinhos, cuja frequentação parecia desprezarem». Na occasião (1865) em que A. VOISIN visitou a dita localidade, averiguou que ali «a consanguinidade não acarretou nenhuma molestia, nenhum vicio de conformação, e a raça ficou muito bella e muito pura. Creio poder attribuir esse resultado, continúa elle, ás excepçoes climaticas e topographicas da região, á hygiene, aos habitos, á moralidade dos habitantes e á completa ausencia de herança morbida».

Grande numero de casos analogos ao de Batz hão sido registrados, entre outros os indicados na citação que fizemos (p. 27) de F. REGNAULT.

Repetidamente citada tem sido a historia do negociante portuguez, chamado SOUSA, que se estabeleceu em Widah (reino de Dahomey, na Africa), onde falleceu em 1849, deixando uma centena de filhos das 400 mulheres negras com que formou o seu harém, prole essa que constituiu uma colonia segregada da demais população do dito reino.

Commentando essa historia, fez o DR. JOÃO PINHEIRO DE CAMPOS (31) as seguintes reflexões: «Vemos aqui um exemplo esplendido, no qual a consanguinidade mais complicada e superposta, emquanto encontrou-se em um meio são, não produziu nenhuma das innumerables enfermidades que se lhe attribuem. Bastou, porém, que

causas morbidas completamente extranhas a ella, como a miseria e a devassidão e com ellas, a syphilis, ahi penetrassem para que a raça com çasse a degenerar (p. 34).

Outro evento demonstrativo da innocencia da consanguinidade sã numa sociedade separada do resto do mundo é o que se deu com a pequena fracção da população franceza da Ilha de Bourbon, designada pela expressão *Petis Blancs*. Retirados para o centro da ilha, esses descendentes dos antigos colonos acharam-se na necessidade de «tirar do seu proprio seio os elementos da sua reproducção». Havia já dois seculos que assim vivia essa interessante communidade quando, numa obra publicada em 1855, o Dr. YVAN, citado por MOREL (32, p. 424), se exprimia deste modo na narração que fez a respeito della: «Essas familias, que constituem a nobreza, a verdadeira aristocracia colonial, occultam altivamente a sua pobreza naquellas solidões. A raça que dest'arte se perpetuou sob a influencia de um dos climas mais salubres do universo, no meio da temperatura igual e fresca das montanhas, adquiriu notavel grau de belleza. Os homens são esbeltos e vigorosos, a fronte intelligente e larga... As mulheres também são elegantes e bellas, ... possuindo os traços rectos e regulares que lembram os typos apreciados pela estatuaria antiga».

Si a consanguinidade, como justamente pondera BRASSART, tivesse, de facto, as funestas consequencias que lhe imputam, nenhuma melhor oportunidade haveria para que ellas se manifestassem do que no caso referido. «Mas a consanguinidade, diz esse autor, não faz sinão elevar á sua mais alta potencia os caracteres particulares da familia a que pertencem os procreadores. Levou ella, pois, ao mais alto grau as qualidades que uma vida sã, hygienica e sem desregra-

mento tinha feito adquirir aos *Petis-Blancs*, para fazer destes individuos aquelles homens vigorosos e aquellas mulheres de typo tão puro descriptas pelo Dr. YVAN. Accumulou, porém, ao contrario, as taras e os vicios de que a miseria, a libertinagem e a syphilis haviam amplamente provido alguns descendentes de Sousa, e desse modo precipitou a decadencia desta raça». (Op. cit. p. 90).

Refere ARNER, citado por DAVENPORT (28, p. 194), que na ilha de Smith, separada da peninsula de Maryland por 12 milhas de mar, os casamentos consanguineos são tão frequentes que quasi todos os habitantes se tornaram mais ou menos apparentados. «O medico ali residente não notou, durante 3 annos, na communiidade de 700 pessoas, caso algum de idiota, loucura, epilepsia ou surdo-mudez».

Além das que já temos indicado, admite F. REGNAULT que ha logar de distinguir-se endogamias de profissão, de classe, de religião. «Quando os esposos são sadios, diz elle (26), essas endogamias, ainda quando coexistem, não dão maus resultados. Assim, em S. João de Bonnefond, perto de Saint-Étienne, algumas centenas de camponeses fundaram uma seita religiosa denominada beguina. Só se casam entre si, e, não obstante essa endogamia local, á qual se ajuntam endogamias de profissão, de religião, de classe, a população é bella e vigorosa».

É opportuno aqui notar que mais probantes da innocuidade dos enlaces de individuos em proximos grau de parentesco são as observações de enlaces taes em que nenhum inconveniente foi verificado, do que demonstrativas do perigo dos mesmos são os casos em que foram elles seguidos de accidentes mais ou menos graves, porquanto, para logicamente attribuir estes á

consanguinidade indispensavel se torna excluir quaesquer outras influencias que só por si poderiam determinar-os. «Si em uma ilha abandonada, escreve DALLY (33), eu collocar dois esposos primos germanos, e no fim de algumas gerações ella estiver povoada sem haver nascido um só enfermo, tenho o direito de declarar que nesse caso particular a consanguinidade dos esposos não teve inconveniente algum. Mas si visse nessa mesma ilha apparecer surdos-mudos, não tinha o direito de accusar por isso a consanguinidade, pois no primeiro caso a demonstração da minha conclusão é completa *ipso-facto*. No segundo caso não ha demonstração possível; outras causas, com effeito, que não a consanguinidade, podem ter determinado o apparecimento da surdo-mudez, e eu posso escolher a meu talante uma qualquer dentre ellas, conforme as minhas idéas particulares». (p. 52).

Poderiam objectar, todavia, que, para a genese dos phenomenos em questão, é, de facto a consanguinidade uma das condições, mas não basta e para ser efficaz necessita da cooperação de outras. Neste caso, porém, necessario fôra provar que essas outras condições, que se diriam simplesmente adjuvantes, não se mostrariam igualmente efficientes na ausencia da consanguinidade. E quaes seriam taes condições? Vejamos o que diz a respeito MITCHELL, um dos que acreditam que o parentesco dos pais é prejudicial aos filhos. «Essa influencia da consanguinidade, diz elle, attenúa-se em certas circumstancias de bem estar, ao abrigo das ambições, das inquietações, das preoccupações do dia seguinte; nos individuos que, sem se fatigarem, trabalham ao ar livre e ganham o com que bem vestir-se convenientemente; nos que passam vida tranquilla, mas não ociosa, que trabalham, mas não têm de luctar; que possuem instru-

ção sufficiente, sem os requintes da civilisação; que são sobrios; naquelles que têm boa constituição e que a poupam. Quando, ao contrario, os pais são pobres, mal nutridos, mal alojados, miseraveis, quando são obrigados a extenuar-se de trabalho para conseguir satisfazer as necessidades da vida, jamais tendo o bastante para o dia presente e anciosos pelo dia de amanhã, e sobretudo quando, com tudo isso, são intemperantes,—em taes condições irrompem os perigos da consanguinidade». (Loc. cit. p. 263).

Ora, não temos, porventura, nessa extensa relação, causas de sobra—alimentação insufficiente, desabrigo, trabalho excessivo até o estafamento, miseria, intemperança, etc. para a alteração da saúde e degeneração dos individuos expostos á sua acção? E dizer que a consanguinidade só produz os effeitos que se lhe attribuem quando assim acompanhada de circumstancias deletérias que, sem ella, são mais que sufficientes para acarretar os mesmos effeitos, não equivale a destitui-la de toda efficiencia?

Não raro, com effeito, se encontram em populações em que são escassas as uniões homoemicas grande numero de enfermidades ou anomalias que, quando observadas em sociedades em que são communs taes uniões não trepidam os anticonsanguinistas em lançal-as ao activo da maleficencia da consanguinidade.

Na citada memoria de MITCHELL acha-se relatada uma interessante observação neste particular. Na ilha de Lewis, em um total de 311 casamentos, não havia sinão quatro entre parentes, isto é, 1 para 78. E, no entanto, escreve aquelle autor: «As deformidades são communs na ilha de Lewis; na parochia de Uig, o heicho de lebre é frequente; encontrei 9 casos. Nessa mesma ilha e nas parochias do continente situadas defronte della, vi 5

casos de dedos supranumerarios, um caso de pollegar duplo, e 2 de palmatura dos dedos das mãos e dos pés. As curvaturas e deformidades da columna vertebral são communs na ilha; ahí se encontram tambem frequentemente a cegueira e a surdo-mudez congenitas. Vi 7 epilepticos, muitos casos de choréa e de paralytias». (p. 250).

Si em vez de tão raros, fossem frequentes, nessa ilha os consorcios entre cognatos, não se apressariam logo os defensores da doutrina que combatemos, a imputar á consanguinidade toda essa numerosa serie de malformações e enfermidades, que justamente incluem no rico e polymorpho cortejo de males por que responsabilizam essa *supposta entidade morbigenica*?

Alludindo aos casos de que temos tratado, em apparencia contraditorios, mas que se explicam, em grande parte, pela influencia das condições mesologicas, assim se exprime P. REGNAULT: «Do mesmo modo que dizemos: «A pais são, filhos são», é preciso admittir tambem que: «A meio são, habitantes são». (35).

IV

A consanguinidade como causa morbifica ou dysgenesica

Já vimos que os mais antigos legisladores, assim religiosos, como civis, estatuiram impedimentos matrimoniaes mais ou menos rigidos, por motivo de parentesco, mas que assim procederam por considerações de natureza moral, familiar ou social, e não de ordem biologica ou eugenetica.

Sómente no começo da idade media (VI seculo), é que se encontra, como já tivemos occasião de referir,

uma phrase attribuida a S. GREGORIO, o Grande, em que, pela primeira vez, ao que nos consta, se faz allusão á esterilidade dos casamentos entre consanguineos.

Devemos, porém, accrescentar que, conforme uma citação de F. REGNAULT (27), está escripto nas *capitulares* dos antigos reis de França (só se conhecem as que datam da dynastia carlovingiana, VII seculo em deante) que de taes casamentos nascem filhos cegos, côxos, corcundas, e com outros defeitos: «*Ex his nuptiis procreari solent claudi, gibbi et lippi sive aliis turpibus maculis adpersi*».

Como mostramos, entretanto, nem os livros sagrados, nem as leis dos povos civilizados da antiguidade, fazem menção alguma de qualquer consequencia pathologica, das uniões conjugaes entre parentes.

Em epochas menos remotas, deparam-se-nos ligeiras referencias de alguns autores aos perigos sanitarios dos consorcios entre pessoas vinculadas por laços de estreito parentesco.

«Em 1621, diz ainda F. REGNAULT (27), Robert Burton mostra os maus effeitos da consanguinidade e approva as prescripções da Igreja».

SIMON DUGARD, em uma obra publicada em 1673, sobre os casamentos de primos germanos, citada por Miss ETHEL ELDERTON (34), «dá como quarta objecção a taes casamentos «a fraca prosperidade dos mesmos», e diz que se tem sustentado serem elles seguidos de «poucos filhos e de esterilidade», idéa, porém, em parte impugnada pelo mesmo DUGARD.

Depois dos autores citados, só em 1812, pelo que sabemos, é que vamos encontrar outra vaga asserção relativa a inconvenientes biologicos inherentes á procreação por parentes em proximo grau, feita por TOURTELLE, citado por LACASSAGNE (7, p. 672): «A experiencia, diz

aquelle autor, tem feito conhecer as desvantagens que resultam das allianças do mesmo sangue», e preconiza o cruzamento das raças para aperfeiçoar a especie humana.

Em 1813, escreve FODÉRE (*Traité de méd. légale*): «Independentemente do interesse dos costumes, nada deteriora tanto a especie humana quanto os casamentos na mesma familia».

Dahi por deante é que, propriamente, começou a consanguinidade a entrar no dominio da medicina.

SPURZHEIM (1822), GIROU de BUZAREINGUES (1828), BURDACH (1838), MICHEL LÉVY (1844), DEVAY (1846), P. LUCAS (1850), HUBERT VALLEROUX (1853), tambem se manifestam mais ou menos francamente a favor da idéa da nocividade das uniões consanguineas para a progenitura.

Foi, porém, a memoria intitulada — *Note sur l'étiologie de la surdi-mutité congénitale*, lida por MENIERE, em 1856, na Academia de Medicina de Paris, que levantou o ruidoso movimento em torno do problema da consanguinidade, encarada sob o aspecto biologico, tornando-se o ponto de partida de numerosos estudos medicos, zootechnicos, etc. de longas, calorosas e apaixonadas discussões nas sociedades scintificas, de uma serie de publicações — artigos, memorias, theses, livros, etc., ácerca do intricado assumpto, formando-se então os dois partidos, ainda hoje não conciliados, — dos consanguinistas e dos anticonsanguinistas.

A principio imprecisamente accusada de prejudicial á geração e aos productos desta, ou responsabilizada apenas pela determinação de alguns estados morbidos especiaes, foi em pouco tempo a consanguinidade culpada de engendrar uma multidão de males, tão differentes pela natureza, quanto pela gravidade.

Faz RILLIET (35) extensa relação dos funestos resul-

tados, variaveis quanto á fôrma, á importancia e á frequencia, que trazem os matrimonios entre parentes á concepção e á prole.

Os outros anticonsanguinistas extremados, como DEVAY, CHAZARAIN, CHIPAULT, etc. admittem tudo quanto indica RILLIET e mais alguma cousa. DEVAY, por exemplo, julgava a consanguinidade causa dos seguintes estados morbidos ou teratologicos: esterilidade, hemiplegia congenita, retinite pigmentar, surdo-mudez, polydactilia, ectrodactilia, beigo de lebre, spina bifida, pés tortos, hypospadias, hydrocephalia, anencephalia, loucura, idiotia, cretinismo, epilepsia, albinismo, ichthyose, enchondroma, escrofula, tuberculose, lepra, rachitismo, predisposição á diphtheria, á pneumonia, á meningite tuberculosa, á dysenteria, etc.

Qualquer molestia, affecção ou anomalia, grave ou benigna, que fosse observada em filhos de conjuges pertencentes á mesma familia, eram, sem nenhuma outra indagação, considerados como consequencias da consanguinidade. Para algumas das manifestações morbidas ou teratologicas acima apontadas, procedia dess'arte o ultimo autor citado baseando-se em um unico caso encontrado!

«Não podia um individuo nascido de casamento consanguineo, diz LACASSAGNE, ter qualquer doença, ser feio ou até apresentar sardas, sem que logo ahi não visse Devay manifestação da consanguinidade». (Loc. cit. p. 681).

A simples circumstancia de fazer da consanguinidade uma causa morbifica apta a produzir effeitos tantos e tão disparatados, investido-a de prodigioso poder verdadeiramente *sui generis*, já era de natureza a inspirar, *a priori*, desconfiança não pequena quanto á veracidade de semelhante doutrina.

A critica aprofundada e criteriosa dos factos apresentados a favor della, vem, com effeito, mostrar que, devidamente interpretados, não têm elles a significação que lhes emprestam os que a defendem.

No tocante a alguns estados morbidos acima indicados, nem merece discutida ou refutada a supposta influencia da homoemia na genese delles, e o erro dos que acreditaram nessa influencia tem alguma justificativa na ignorancia em que então se achavam quanto á exacta etiologia dos mesmos, como se dá com relação a algumas molestias infectuosas (tuberculose, lepra, etc.) incluídas na ampla lista.

Vamos, porém, examinar separadamente o que acontece com as doenças, affecções, deformidades e outros malefícios attribuidos ás uniões consanguineas, em que mais se tem insistido como argumentos ou provas da nocuidade de taes uniões, analysando ponderadamente os factos, a fim de ver si estes dão razão aos que sustentam essa hypothese ou aos que pensam de modo contrario.

1.º — *Esterilidade, abortos e pluri-mortalidade infantil.*
— Assaz discordantes são as observações e as estatisticas concernentes á esterilidade e á fertilidade dos casaes consanguineos comparadas com as dos conjugios de extranhos, facto que indica, logo á primeira vista, serem as verdadeiras condições determinantes de taes phenomenos, pelo menos nas circumstancias em que se manifestam na especie humana, independentes da communidade de sangue entre os consortes, podendo aquelles, pois, apresentar-se assim na presença como na ausencia dessa particularidade, meramente concomitante na primeira alterativa.

Nos matrimonios estudados sob este ponto de vista podemos encontrar, ora a esterilidade absoluta, a falta total de filhos, ora a infecundidade relativa, isto é,

numero de filhos mais ou menos exiguo. Além disso, nas observações de esterilidade, ao lado dos casos em que, por qualquer defeito dos gametas ou dos orgams de um ou de ambos os conjuges, houve impossibilidade de fecundação, acham-se comprehendidos aquelles em que se effectuou a concepção, mas em que, pela fraca vitalidade de um ou dos dois elementos reproductores, não vingou o producto della, succumbindo este em phase mais ou menos atrasada da evolução — ovular, embryonaria ou fetal, e dando logar a abortos e a nati-mortalidade.

Em algumas estatisticas comprehendendo numero variavel de casamentos consanguineos, foi encontrada alta percentagem de estereis, taes como as de DEVAR (18 %) de CADOT (26 %), de BEMISS (25 %), de PONCET (21,4 %), etc.

Em suas investigações ácerca da communa de Fort-Mardick, perto de Dunquerque, verificou LANCRY que os casamentos entre parentes eram ali estereis na proporção de 16 %, ao passo que os não consanguineos davam sómente 7,3 casos de esterilidade por 100.

É interessante aqui notar que, si de facto fosse a consanguinidade a causadora daquelle resultado, ella havia a isso limitado, de modo singular, na referida communa, a acção malfazeja de que a investem, porquanto se achava a respectiva população, na occasião (1890), em plena prosperidade. LANCRY (36) só encontrou lá, em dois casaes de primos germanos, 1 caso de surdo-mudez não congenita, de cuja etiologia elle exclue a influencia da consanguinidade, e 1 de idiotia. «Hão de confessar, diz elle, que é bem pouca cousa, e seriamos autorizados a declarar negativo esse resultado», e conclue que «a julgar pelos factos estudados em Fort-Mardick, a consanguinidade não tem influencia nociva sobre a prole».

Nas estatísticas acima citadas, a proporção dos matrimônios estereis é realmente maior do que a encontrada nos casamentos em geral, a qual, segundo WELLS, SIMPSON, DUNCAN, WESTERMARCK, HUTH, PINARD, etc. é de 10 a 15 %, achando, porém, BERTILLON (37), para a França, 18 %.

Facil, tódavia, fôra colligir series de igual numero de consorcios heteroemicos em que as percentagens dos casos de esterilidade fossem as mesmas que as referidas a proposito das uniões entre proximos parentes. Em observações diferentes, não só de alguns dos mesmos autores citados, sinão também de outros, muito menor foi, ao contrario, o numero relativo de casamentos consanguineos improlificos. Assim é que em outra estatística de BEMISS, de 833 uniões homoemicas, 53 foram estereis, ou 6,3 %; em uma de MANTEGAZZA, composta de 500 casaes consanguineos, 43 não tiveram filho algum (8,6 %); em outras, de numero menor de casos, publicadas por JACOBS, RODET, HUTH, VOISIN (communa de Batz), BUXTON, as percentagens foram respectivamente — 9, 7, 6, 4 e 0.

Na mui conhecida observação de BOURGEOIS relativa á propria familia, *consigna elle em 91 hymeneus*, 68 entre parentes, dos quaes 16 com consanguinidade superposta, sem um só esteril, registrando-se, entretanto, ua mesma familia, 5 casaes totalmente infecundos, em todos os quaes justamente não havia parentesco entre os conjuges.

Si examinarmos agora a fertilidade, isto é, o numero de filhos das uniões matrimoniaes entre proximos cognatos comparativamente com o dos casamentos de individuos extranhos, veremos que, ainda neste particular, as primeiras não se mostram inferiores aos segundos. Isto é, podemos encontrar series de consorcios consanguineos mais fecundos do que os não consan-

guineos e vice-versa, o que está a indicar que as verdadeiras causas de taes phenomenos, quaesquer que ellas sejam, podem agir indifferentemente e determinar os seus effeitos num e noutro caso.

Os mesmos autores que temos citado encontraram, nas suas investigações sobre a especie, as seguintes progenituras para as uniões consanguineas ferteis: na primeira estatistica de BEMISS, 27 destas uniões produziram 192 filhos, dando assim a media de 7,1 por matrimonio, e na segunda estatistica do mesmo autor, de 780 casaes consanguineos nasceram 3942 filhos, a que corresponde a media de 5 para cada um; os 5 casamentos entre parentes encontrados por MITCHELL, em Saint-Kilda, deram 54 filhos, — media igual a 10,8, e nas outras localidades variou a media de 3,7 a 4,3; a prole dos 17 matrimonios consanguineos observados por BUXTON foi composta de 85 crianças: media igual a 5; na familia BOURGEOIS, o numero medio de filhos por casamento entre os seus membros com consanguinidade superposta foi de pouco mais de 4, havendo, porém alguns com 5, 6, e 15 filhos cada um; os 22 casos fecundados constantes da estatistica de PONCET deram nascimento a 113 filhos, donde se deduz a media de 5 para cada qual, havendo 1 com 10, 1 com 12, 1 com 13 e 1 com 20 filhos (familia de indios, da aldeia Noria Mexico); achou JACOBS a media de 5,3 nos matrimonios consanguineos entre israelitas, por elle registrados; — «media assaz elevada, diz PORTIGLIOTTI, visto terem os hebreus, em geral, natalidade inferior á apresentada pelas populações christãs»; HUTH, em 186 uniões de primos germanos, encontrou media superior a 4. Registrou SÉGUIN, em sua propria familia, 10 casamentos entre primos, dos quaes um só esteril, havendo os outros gerado 61 filhos (media de 6,7).

JORGE DARWIN organizou, na Inglaterra, uma estatística que lhe deu os seguintes resultados: numero medio de filhos por casamento fertil de primos carnaes, — 2,43; *idem* de pessoas não consanguineas, — 2,26. A proposito da presente estatística, diz Miss E. ELDERTON: «A comparação desses algarismos mostra que a allegada infertilidade das allianças consanguineas não póde ser sustentada». (34, p. 19).

Nas arvores genealogicas de albinos colleccionadas por PEARSON e NETTLESHIP, ha 118 familias em que os pais são parentes e 224 em que não o são: o numero medio de filhos para estas é de 5,4, e para aquellas de 5,6, «de sorte que, infere Miss ELDERTON, podemos dizer que nas familias albinas o matrimonio de primos não accarreta diminuição da fecundidade». (*Idem*, p. 19).

Ora, em todos os casos que acabamos de referir a prolificidade dos casaes consanguineos é igual ou maior do que a dos casamentos em geral. Segundo as estatísticas, com effeito, o numero medio de filhos por matrimonio é igual a: 4,88 nos Paizes Baixos, 4,70 na Noruega, 4,60 na Prussia, 4,52 na Suecia, 4,33 na Inglaterra, 4,18 na Dinamarca, 3,46 na França, etc.

(*Continúa*).



OUATAPLASMA

do Doutor **E. LANGLEBERT**

Curativo emolliente aseptico instantaneo

ABCESSOS, ECZEMAS, PHLÉBITES, INFLAMMAÇÕES DA PELLE

DEPOSITO GERAL : 10, Rue Pierre-Ducreux, PARIS. — E em todas as Pharmacias.

A profissão medica e a medicina profissional no Brasil

CONFERENCIA DO DR. CLEMENTINO FRAGA REALISADA NO «CENTRO
ACADEMICO OSWALDO CRUZ», DE S. PAULO

«A vantagem, que me foi mercê gentil, de escolher livremente o assumpto desta palestra, me permite tratá-lo com a franqueza de velhos sentimentos impessoaes de justiça e devoção profissional, que, por mal recommendados na sanção do paranympho, não desmerecem da sinceridade inequívoca, aconselhada na prudencia de serena convicção.

Não é meu proposito definir a profissão medica na actualidade de seus direitos e deveres, e, sem distrair a outras cogitações, pretender alumiar a vulto os melindres de um apostolado. De tantos rigores não se onerou o compromisso; e menos me ajudaria o animo tímido tentar a ousadia das generalizações, que de poucos é privilegio, sem o perigo de falsear principios ou recuar no terreno ingreme da intelligencia philosophica.

É imprudente chegar com a palavra aonde a autoridade não consente. Dahi os enleios da doutrina no vôo amplo das promessas e aspirações; ao jeito da autonomia, responsabilidades implicitas á medida lhe cabem no eito largo, onde conceitos e sentenças, postulados e dogmas lhe plasmam a forma, na proporção da fé que lhe vitaliza a essencia; em toda a armadura, de extremo a extremo, o mesmo nexo e arranjo igual; em tudo a ordem, parallela á verdade, na harmonia das prerogativas e na condição da hierarchia. Mais seguro, porque mais facil, será ficar nos factos, considerando-os ao concreto das circumstancias, ou no flagrante das situações; e, neste intento, já os casuistas antigos, tranquillamente, perfiavam distinguir, contendo-se na analyse, ao léu dos impulsos maiores ou dos menores interesses.

Falando aos meus jovens collegas do «Centro Academico Oswaldo Cruz», não quero senão advertil-os dos ingratos

attributos de uma profissão liberal, transmittindo, num conselho amigo, quanto a experiencia me tem ensinado, na maturidade de uma vida, que em trabalhos amanheceu, apanhou seu meio-dia de eclipse, e em trabalhos á sombra declina, tendo dado quanto tinha, sem deixar de si mais que exacta impressão de ter falhado aos proprios votos de estudo e de saber. Á mocidade serve mais a palavra avisada e tranquillã, que a linguagem sonora das corteziã vulgares, talvez grata de ouvir, mas comprometida na insinceridade das esperanças falazes, acenando á vida que não conhece a vida. E como os males que se occultam para ferir, só tarde o desengano os revela, subsiste o erro da crença ingenua na expiação da inadvertencia, qual, na tragedia de Sophocles, o castigo de Ajax, desprendendo de sua estima aquelles que se nutrem de esperanças vãs.

Meus jovens, a vocação profissional, impulso oracular da suggestão inconsciente, ou manifestação abstracta do pendor individual pelo exercicio de uma profissão, deve caracterizar-se numa expressão crystallina, decisiva e livre, quando é a medicina a eleita de nossas preferencias. No medico se reflectem os predicados de forte personalidade, sob as dissimulações da tolerancia, da simplicidade e do desinteresse: attestam-se as tendencias do espirito de isenção com a sobriedade da linguagem e as imposições das conveniencias, e, num complexo de factores contingentes, effectivos e irreductiveis, se escondem estimulos sinceros e rigidos principios da honra profissional. A sciencia medica, no passo de evolução, em que ora a encontramos, avulta, num conjunto de doutrinas, travejadas em farto cabedal tecnico, a exigir de quem lhe amanha o terreno, tempo e paciencia, intelligencia e vontade; de outro jeito a profissão medica, que finaliza as suggestões scientificas no rigor da applicação pratica, essa requer o concurso da dedicação pessoal, do feito para o mistér, do subsidio com que entra a arte na actuação de todo dia, mèsse de toda a experi-

encia e condição do resultado no trabalho. A formação profissional se ha de fazer, demorada e exhaustiva, na pontualidade dos preceitos scientificos, como nos conselhos technicos da arte medica, — sciencia e arte, uma a par da outra, inteiriça aquella na força e cohesão de seus principios, exacta esta na applicação e opportunidade de suas regras.

Para fazer o profissional as virtudes do esforço e da tenacidade hão de apostar, no mesmo individuo, com os dotes de intelligencia e de character, discretamente recommendados nos reflexos amenos da educação e do sentimento; o taes qualidades, taes e tantas, se devem queridas e estimadas no alto sentido em que ellas entendem com os bens individuaes que, na sentença de Platão, podem ser possuidos por uns, sem que outros se julguem prejudicados.

Vou considerar a proposito e de logo, a parcela dessas vantagens na obra da formação medica, que começa no ensino secundario, indistinta e generica, matizada de conhecimentos geraes, disciplinados num forte aparelho lubrificado pela philosophia, e caminha depois, desembaraçada e especifica, no ensino superior, nas Faculdades de Medicina, onde se faz o apprendizado technico dos laboratorios, amphitheatros e enfermarias.

Os chamados estudos de humanidades hão de plantar o marco de instrucção geral, em que, de par com a cultura da lingua vernacula, buscada e rebuscada nos exemplos do bom dizer, antigos e modernos, deste e do outro lado do Atlantico, em necessidade igual se deve apreçar a cultura classica, nas componentes que a significam: cultura philosophica e cultura literaria, remontada á sua nascente crystallina, ás letras greco-latinas.

Não pode soar bem ao utilitarismo ingrato de nossos dias a apologia desses estudos, que a grandes espiritos tem despertado reservas.

A esses não me subordino, preferindo ficar na corrente opposta dos fetichistas da boa cultura, que tanto encarecem o subsidio das letras classicas na hierarchia do saber, repu-

tando-os indispensaveis ao medico na almejada conquista de um patrimonio intellectual, que, nesses estudos, tem a sua alvorada illuminada e radiosa. «A cultura literaria forma um espirito justo». (Faguet). E mais perto alcança o syllogismo: «pas de culture supérieure de l'esprit sans études classiques; pas médecine digne de ce nom, sans culture supérieure; donc, pas de vraie médecine sans études classiques».

Por muito que se tenha firmado em meu espirito a vantagem profissional da educação philosophica, de mim mesmo, na inopia da palavra desavisada, não poderia exprimir quanto della penso, ainda no entusiasmo de sentida convicção. Mas não vos faltará o conselho melhor, que aqui vos repito, aprendido em Laignel — Lavastine, espirito hellenico de sabio que faz honra á medicina francesa: «O humanismo é indispensavel ao medico, como clinico, therapeuta, director espiritual, homem e companheiro de profissão. «Clinico», tem, a cada momento, necessidade do espirito de perspicacia para, num caso concreto, escolher entre duas hypotheses, que a sciencia lhe suggere, sem que o espirito géometrico possa dar de uma ou de outra uma demonstração vigorosa; «therapeuta», conhecendo as condições psicologicas da confiança e penetrado do sentido profundo da fabula de Pandora, será o conselheiro, e, com o carinho, que é a polidez do coração, saberá curar ás vezes, alliviar muitas outras, consolar sempre, segundo o conceito de Dumas Filho, encontrando palavras que vão á alma, fazem abrolhar um sorriso em labios tristes e deixam ouvir ainda os anhelos da esperanza no proprio estertor dos agonizantes. Assim, sem procurar, o medico terá o exito da clientela, que se consegue melhor com jeito e psychologia, que com erudição e pesquisas scientificas; «director espiritual», dos humildes, como dos poderosos, dos individuos, como das sociedades, elle comporá sua autoridade moral, mais na elevação do espirito e no conhecimento dos homens, com a ajuda dos estudos classicos, que na simples aprendizagem

da pratica medica. Nos campos, em vez do sacerdote, cujo credito diminue, elle dirige muitas vezes a selecção dos conhecimentos. Como se poderia tornar mentor intellectual sem as humanidades? «Homem», emfim, graças ás letras, não se escandalizará do egoismo dos docentes, não raro da sua ingratição. Os pobres são a principio, diz Hippocrates, submissos e doces, depois máos e ingratos; os ricos, emquanto doentes, se desmedem em promessas para senho- rear os cuidados do medico; depois descarregam nos seus devedores a culpa de insufficiente retribuição. A cultura do medico lhe permittirá o prazer licito e elevado da comedia da vida, propiciando-lhe em horas tristes conforto nos livros fazendo participar seus clientes dessa hygiene mental, sciencia da felicidade, parcela da moral, ensinada pelos antigos, que forra a alma contra os embates dolorosos. A cultura univoca é necessaria ainda á fraternidade profissio- nalis: os medicos tem grande tendencia á hostilidade reci- proca. Uma differença de nivel mental sangraria mais o bordo das feridas». Por seu turno disse Grasset: «A disci- plina philosophica é indispensavel á educação medica: todo problema de diagnostico, capital na medicina pratica, na clinica corrente, exige espirito fino, bem disciplinado, aconselhado no bom methodo philosophico. Do mesmo modo, para o prognostico e para o tratamento, isto é, para toda a medicina». E Bouchard defendeu «a necessidade das letras e da philosophia para desenvolver o espirito de iniciativa, de pesquisa pessoal, de reflexão methodica, de observação, a um tempo amplo e penetrante, de plasticidade theorica e pratica. As sciencias isoladas não favorecem senão um espirito de raciocinio rectilineo, que vendo apenas um lado das questões mais complexas, acaba por desnortear». Nem mais se pode dizer, nem menos se deve repetir, no trato com a mocidade, no seu interesse maior, que é o do appa- relho de sua instrucção.

Assim apercebido, relativamente facil será ao alumno escalar a escarpa da cultura technica, com obrigada pausa

nas sciencias naturaes e estagio mais prolongado nos majestosos dominios da biologia. A vida humana, no escopo do biologista, ha de ser conhecida, em todos os turnos de sua evolução, assim na saude, como na doença. De muito que a minha vida clinica me vem comprovando toda a valia do estudo da physiologia, do alcance de seus conhecimentos, na lida diaria com o doente, e, não raro, o professor de doenças internas, teve que deplorar, nos cochilos dos discipulos, o desamparo das noções de physiologia, tantas vezes, indispensaveis na interpretação do desvio morbido. Com a autoridade de seu saber, considerando o papel da physiologia na instrucção do pratico, disse o Prof. Miguel Osorio: «Ninguem porá em duvida as vantagens de uma intimidade entre os physiologistas e os praticos. Estes adquirem uma base mais solida para sobre ella assentar suas idéas e aquelles veriam mais de perto quaes os assumptos, dentre os de suas pesquisas, susceptiveis [de applicação pratica]. E por final suggeriu. «Como seria possivel dar aos praticos uma instrucção physiologica elevada? Os cursos especializados, de character essencialmente pratico, visando mais particularmente ás applicações clinicas, satisfariam muito bem ao *desideratum*».

Por deante a indagação dos elementos indispensaveis na instrucção medica, muito é de recommendar a attenção no estudo da pathologia geral, em cujos capitulos as explicações da doutrina vão buscar vigoroso motivo na experimentação — fundamento inicial das leis pathologicas, que compõe a synthese dos conhecimentos medicos. Entrando em cada assumpto com a luz que focaliza o seu conhecimento, na restricção da minucia ou na mirada de conjunto, a pathologia é a propria intelligencia da medicina, que, na frase de Achard, «faz compreender o que a clinica faz ver». Na logica das acquisições scientificas se estabelece a doutrina medica, que a analyse decompõe noção a noção, e a synthese recompõe, procurando o nexu no sentido da unidade. Por outra parte, a anatomia normal e pathologica

exigem do medico cuidados de indagação e assidua intimidade. Para conhecer a vida não ha como os contactos com a morte. É a anatomia pathologica, nos segredos que nos revela, transforma o trabalho ingrato da pesquisa em gratas compensações dos embaraços do diagnostico ou da decepção therapeutica.

Mas o tecnico da medicina se ha de fazer no hospital, no estagio do serviço clinico, trabalhando e aprendendo em cada caso, na plenitude dos conhecimentos anteriores que lhe permitem a observação paciente e integral do doente; o estudo da doença, num minimo de tempo; a observação exacta na directriz severa de suas linhas, da anamnese remota á therapeutica e, não raro, ainda mais longe, ao protocollo da necroscopia.

No conceito de sua vantagem, é o hospital o ponto central do aprendizado medico. «Le gladiateur prend conseil sur l'arene». Na enfermaria o alumno deve ter ingresso desde o 2.º anno, nas clinicas geraes medicas e cirurgicas, para treinar em preliminares de semiotechnia, nos cursos de numero limitado. É no estagio nosocomial que o futuro pratico vae educar o sentido da precisão, que, mais propriamente, vae adquirir a aptidão de observar, cotejando o exame do doente com as descripções da pathologia, lidas e annotadas, letra por letra, nos livros didacticos. Das clinicas geraes ás especiaes não ha senão um passo além, que não deve ser antecipado, e só a tempo deve vir, na normalidade e cadencia estabelecidas nas organizações docentes. A incompetência geral faz a incompetencia especial, sobretudo em medicina em que os processos geraes de diagnostico baseiam, orientam e encaminham os meios da semiologia especializada.

Infelizmente no Brasil ainda faltam hospitaes, que na organização, sirvam ao ensino tecnico das escolas medicas, e em boa razão, é esta a grande falha da nossa instrução profissional. Sem hospital de clinicas, annexo a cada Faculdade, onde através da assistencia se faça o ensino, não creio

na efficiencia do preparo, que individualmente póde ser conseguido pelos alumnos mais esforçados, mas não representará a verdadeira orientação didactica, destinada a aproveitar o maior numero, senão a todos indistinctamente. Diz o professor Oscar Freire que é, incontestavelmente, um realizador no ensino medico brasileiro: «As Faculdades de Medicina hão de ser, antes de tudo, escolas profissionaes, visando a preparar bons technicos, forrados, é claro, de uma solida e vasta cultura scientifica, que lhes alargue o horizonte intellectual. Sem tal cultura não teremos medicos; mas, quando muito, habeis enfermeiros».

Numa vista de conjunto é, senhores, o que parece indispensavel á instrucção do futuro medico. Mas, é bom entender quanto disse, e digo em tom iterativo, para significar a necessidade do curso geral da medicina, que aparelha o alumno até desatal-o dos liames academicos.

Porque, a meu ver, o estudo da medicina, em hora tão alta do seu progresso, deve compreender um turno elementar, generalizado a todas as disciplinas, contido no sexenio escolar e um turno de applicação, facultativo, de alta instrucção technica, servindo á cultura diferenciada nos cursos de laboratorios, de hygiene, de medicina legal, de doencas tropicaes, das chamadas clinicas especiaes. Desses já possuímos no Brasil, os cursos de Microbiologia do Instituto Oswaldo Cruz, agora transformado em curso de Saúde Publica, o de Hygiene de S. Paulo, o de Medicina Legal, fundado por Oscar Freire na Bahia, e dentro em breve, o de Molestias Tropicaes em Manguinhos, conforme o pensamento de Chagas, tendo por theatro idoneo o Hospital dessas doencas, annexo ao glorioso Instituto.

Assim poderemos formar, dentro de nossas fronteiras, perfeitos profissionaes, integrados nos segredos technicos da nossa sciencia.

(*Continúa*).

REVISTA DAS REVISTAS

NOVAS IDÉAS SOBRE A INFECCÃO PUERPERAL. — *Prof. Fernando Magalhães. — Sessão de 22 de Junho de 1922, na Academia Nacional de Medicina. — (Revista de Gynecologia e d'Obstetricia, n. 8. Rio, Agosto de 1922).*

Considerando que « todo o processo de infecção puerperal generalisada equivale á morte » por isso que toda a therapeutica empregada em semelhantes casos não tem dado resultado, afóra raras excepções, o A. propõe, juntamente com o Dr. Arthur Moses, que se faça a prophylaxia dos mesmos com a vaccina, immunisando-se as mulheres gravidas.

Considerando que, alem da infecção heterogena ou heteroinfecção, ha a chamada infecção autogena ou auto-infecção, o primeiro cuidado dos A. A. deste methodo prophylatico é « classificar a mulher grávida debaixo do ponto de vista da sua flora vaginal, para, depois, o laboratorio fornecer a vaccina *microbiana autogena* ». Para a prophylaxia da contaminação heterogena fabrica-se uma vaccina mixta, *estaphyloestreptocica*. A immunisação é feita durante o fim do 8.º ou no principio do 9.º mez de gravidez; a serie de cinco vaccinas é dada em doses crescentes e com o intervallo de 5 a 6 dias.

Os resultados clinicos obtidos até a epoca da presente communicação foram os seguintes: pulso baixo constante em todas as mulheres immunisadas, demonstrando não se ter manifestado, ao menos, a fórma frusta da infecção; em um caso em que o parto foi trabalhoso e produzido por operação transpelviana e em que foi feita a immunisação, não houve augmento de temperatura; esta sempre se mantem abaixo de 37º; a involução uterina apresenta de um dia para outro a differença de tres centimetros no maximo.

O Dr. F. Magalhães prometteu voltar á Academia trazendo o proseguimento dos seus estudos com provas

experimentaes em animaes. O Dr. Moses fará considerações a respeito do preparo da vaccina autogena.

CIRCULAÇÃO PLACENTARIA NAS PRENHEZES GEMELLARES. —

Dr. Clovis Corrêa da Costa. — (*Revista de Gynecologia e d' Obstetria*, n. 8. Rio, Agosto de 1922).

O A. discorda das diversas theorias da circulação placentaria em casos de prenhez gemellar monochorial e diz que se tem dado grande importancia e lata significação ás anastomoses, que, segundo Schatz, se estabelecem na placenta em taes casos, permittindo ao sangue do coração esquerdo de um dos gemeos ir ao coração direito do outro e vice-versa. Ainda segundo Schatz, o igual desenvolvimento dos 2 fétos resulta da equivalencia destas duas correntes; o desenvolvimento fetal desigual e o polyhydramnios de um dos saccoes ovulares resultam de que um dos fétos, o transfuso, recebe do irmão, o transfusor, maior quantidade de sangue do que lhe envia.

Depois de uma serie de intelligentes e ponderadas considerações, o A. chega ás seguintes conclusões:

«que não pôde haver desequilibrio hydraulico na circulação dos gemeos monochoriaes;

que todo o feto transfuso é sempre igualmente transfusor;

que a differença de comprimento entre os fétos deve-se attribuir simplesmente a differenças nutritivas por desigualdade da distribuição da area placentar;

que é mais apropriada por isso a designação de *feto rico* e *feto pobre*, ao envez de transfuso e transfusor;

que um cotyledono placentar pôde anatomicamente pertencer a um feto e physiologicamente a outro;

que o estabelecimento do equilibrio nutritivo perfeito se verifica entre anastomoses do mesmo typo;

que as anastomoses podem se fazer de tal maneira que, um dos fétos recebe sangue venoso em troca de sangue arterial, o que prejudica a sua nutrição;

que o polyhydramnios de um dos saccoes ovulares póde ter a sua explicação na hypertensão venosa e arterial do fêto correspondente por simples plethora ;

que as causas habituaes dos hydramnios podem incidir na gemellaridade maxime na monochorial que tem na syphiles e no alcoolismo um dos seus factores etiologicos ;

que o olygohydramnios tem na sua etiologia esses mesmos factores, produzindo naturalmente lesões de natureza diversa ;

que as anastomoses vasaes, influenciando directamente a nutrição, podem permittir que os fêtos sejam sensivelmente iguaes, embora as areas placentares correspondentes sejam sensivelmente desiguaes ».

TRATAMENTO DA CARUNCULA VASCULAR DA URETHRA PELO ACIDO CHROMICO. — *Dr. Crissiuma Filho.* — (*Revista de Gynecologia e d' Obstetricia, n. 9. Rio, Setembro de 1922*).

Em tres casos de tumores vasculares do meato urinario da mulher ou carunculas vasculares, o A. empregou o seguinte methodo therapeutico com excellent resultado :— lavagens frequentes da vulva com uma solução alcalina forte de bicarbonato de sodio em agua morna, e cauterisações da superficie do neoplasma com uma solução de acido chromico, a principio a 1 % e depois gradualmente ascendente até 5 %. Aconselha, porém, ao medico, cuidado para que a solução acida não toque as partes sãs e, ao doente, repouso para evitar o contacto incommodo das roupas.

O A. obteve ainda a cura em um caso de papillomas da vagina, no qual até o thermocauterio havia falhado, com applicações diarias de uma solução de acido chromico a 1/2 % sobre as vegetações.

Em diversos casos de cancrios phagedenicos colheu o A. optimos resultados, cauterisando-os rapidamente com o acido chromico em fraca solução.

MEDICAMENTOS OXYTOCICOS. — *Dr. Azvedo Junior.* — (*Revista de Gynecologia e d' Obstetricia, n. 9. Rio, Setembro de 1922*).

O A., estudando uma serie de medicamentos e remedios oxytocicos, diz que empregou a pituitrina em seis casos e, em todos elles, ella «falhou lamentavelmente». Por isso preferê ficar fiel ao emprego do forceps nas apresentações cephalicas e da extracção manual nas apresentações podalicas, não se recusando, entretanto, a empregal-a em novos casos que não offereçam contra-indicação ao seu uso.

A OUABAINA ARNAUD. — *Dr. René Legrand.* — (*Gazette des Praticiens, n. 544. Lille, 15 de Outubro de 1922*).

O. A. desde 1919 tem empregado a ouabaina por diversas vias e nunca observou accidente algum. Ella tem acção electiva sobre a contractilidade cardiaca; por isso tem indicação em todos os casos em que esta está enfraquecida, principalmente na insuficiencia do ventriculo esquerdo, qualquer que seja a sua origem, quer seja aguda ou progressiva. No 1.º caso, havendo hypertrophia do coração, edema do pulmão e angina de decubito, «ella reduzirá o volume do coração, acalmando a dôr, supprimindo a afflicção, a expectoração e a dyspnéa». No 2.º caso, «diminuirá a tachycardia, as palpitações, a dyspnéa de esforço e o edema pulmonar de esforço;» as dôres precordiaes ou epigastricas acompanhadas de entorpecimento do braço esquerdo, o pulso alternante, o ruido de galope ou os sôpros mitraes funcionaes desapparecerão.

A ouabaina tem ainda uma acção diuretica directa, porque age sobre o epithelio renal, e indirecta, porque augmenta a energia cardiaca, regularisando a circulação.

Na insuficiencia ventricular direita, o A. diz que, em geral, a digital deve ser preferida; porém, quando a acção desta for insufficiente, a ouabaina poderá ser indicada. «Ella possui a curiosa propriedade de tornar sensivel á acção da digital o coração fatigado».

«Póde ser indicada nas diversas fórmãs de arhythmias» e «se impõe nas bradycardias com perturbações da conductibilidade devidas a uma alteração do feixe de His, caso em que a digital é nitidamente contra-indicada».

O A., ao contrario de outros autores, tem empregado a ouabaina após a digital e ao mesmo tempo que ella, sempre com bons resultados; aconselha porém que, quando se tiver de empregar simultaneamente estes dois medicamentos, agindo sobre a contractilidade e a excitabilidade cardiacas, seja em doses pequenas e nunca se dê a ouabaina por via venosa.

Sómente as lesões graves do rim constituem verdadeiras contra-indicações ao uso da ouabaina.

Quando houver asthenia myocardica na diphteria e na febre typhoide, assim como nas demais molestias infecciosas, a ouabaina é recommendada.

Quanto ás vias de administração deste medicamento, a intravenosa ($1/4$ a $1/2$ milligr. por dia) é indicada quando se quizer agir depressa e violentamente nos casos graves, como a asystolia aguda, o enfraquecimento subito do ventriculo esquerdo, o edema agudo do pulmão, etc.

A via intra-muscular profunda é utilizada quando se desejar agir mais lentamente e por mais tempo, nos casos que não forem graves, ou quando se quizer reactivar a digital; o A. emprega uma solução de ouabaina em meio glycosado a 10 ‰ e ligeiramente cocainizada.

Por via buccal, os comprimidos (4 a 6 por dia) são prescriptos nos casos benignos como medicamento de sustento, e nas myocardites das molestias infecciosas; a solução alcoolica 1 p. 1000 tem numerosas indicações, desde as pequenas doses de X a XX gottas até as doses massiças de L a CL gottas, conforme os estudos de Dimitracoff.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Brasil Medico, ns. 50, 51—1922.

Boletim da Academia Nacional de Medicina, n. 18—1922.

Annuaire da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro—
Janeiro a Dezembro 1916.

Archivos Paranaenses de Medicina—Outubro 1922.

Clinique et Laboratoire Paris, n. 10—1922.

Archivos Brasileiros de Medicina, n. 11—1922.

A Folha Medica—Rio de Janeiro, n. 1—1923.

La Semana Medica—Buenos-Ayres, n. 52—1922.

Revista de la Asociacion Medica Argentina—Outubro—1922.

Medicamenta—Rio de Janeiro—Novembro 1922,

ANTI-ANEMICO — ANTI-NERVOZO

GRAGEAS
do Dr

HECQUET

laureado da Academia de Medicina de Paris
de Sesqui-Bromureto de Ferro.

O melhor medicamento ferruginoso, contra:
ANEMIA, CHLOROSE,
NERVOSIDADE, CONSUMÇÃO.

O unico que reconstitue o sangue, calma os
nervos e nunca occasiona prisao de ventre.
DOSE: 2 a 3 grageas a cada refeição.

ELIXIR e KAROPE do Dr HECQUET
de Sesqui-Bromureto de Ferro.
Deposito: Paris, Montagu, 48, B^o de Port-Royal,
E EM TODAS AS PHARMACIAS

EMPHYSEMA
DYSPNEA

BRONCHITES
ASTHMA

JODEINE MONTAGU

PILULAS
XAROPE
AMPULLAS
de Bi-Iodureto de Codeína

ANTIDYSPNEICO
CALMANTE DA TOSSE
EXPECTORANTE

MONTAGU, Phco 49, Boulevard de Port-Royal,
em todas as Pharmacias.

XAROPE: 2 a 3 colheres, das de sopa, puro, por dia.
PILULAS: 4 a 8 pilulas por dia.